

ISABEL VALADÃO

ANGOLA
AS RICAS-DONAS



PORTUGAL E ANGOLA NO CONTEXTO ATLÂNTICO DO SÉCULO XIX

Em Portugal, todo o século XIX ficaria marcado por um longo período de crise e de convulsões políticas, que começaria logo em 1807, com a fuga para o Brasil da corte portuguesa, na sequência do Bloqueio Continental decretado por Napoleão Bonaparte e das subsequentes Invasões Francesas. Grandes revoluções, convulsões e mudanças no Reino tiveram, naturalmente, repercussões nas colónias e também a Angola chegava o eco, mais ou menos amortecido, dos conflitos que se iam verificando na Europa, onde tinham já começado a surgir, implementados pelos ventos humanistas do iluminismo, os movimentos para abolir a escravatura nas colónias das diversas potências europeias. Desde o início daquele século que se assistia a uma viragem política e de mentalidades e o grande impulsionador da abolição da escravatura seria o liberalismo.

Angola passaria por uma conjuntura profundamente turbulenta, especialmente desde 1836, com a luta para o fim e, ao mesmo tempo, a manutenção do comércio da escravatura, em torno do qual girava toda a sua vida económica e na qual tomavam parte as grandes figuras da sociedade loandense, os ricos comerciantes e as ricas viúvas comerciantes, mulatas e negras. A situação da colónia reflectia a instabilidade que se fazia sentir na metrópole, registando por vezes uma completa

ausência de lei, quase de anarquia. As autoridades procuravam impor as novas directivas, sem resultados práticos, esbarrando na força dos traficantes de escravos, pouco escrupulosos, bem como na de outros agentes negreiros de origem europeia ou pardos, os degredados e os lançados¹, completamente imersos no rendoso comércio de seres humanos.

No comércio da escravatura, Portugal, Espanha, França, Inglaterra e Holanda desempenharam um destacado papel, estabelecendo relações comerciais com as diversas sociedades africanas. Entre o século XV e meados do século XVIII, seriam os Portugueses a dominar o comércio do *bois d'èbène* — nome que os negreiros davam aos escravos em toda a costa africana —, ditando as regras do mesmo, e só em finais do século XIX essa dominação cessaria, graças à intervenção naval da Inglaterra, que conduziu, finalmente, à total proibição do tráfico negreiro em todo o mundo atlântico.

¹ O mesmo que pumbeiros.

KASSANJE, 1804 — A «FÁBRICA» DOS ESCRAVOS

A quibuca¹, constituída por cerca de uma centena de escravos, escoltada por uma coluna militar mista, avançava com alguma dificuldade pelo terreno intensamente arborizado, procurando trilhar o caminho já aberto por centenas de outras caravanas antes dela. A expedição era proveniente da real feira de Kassanje, o mais importante pumbo² de escravos de toda aquela região, e mesmo de toda a colónia de Angola.

A comandar a força mista de duzentos homens estava o jovem Velasco. A coluna era composta por soldados de linha e moradores³ do Pungo Andongo, de Ambaka e do Duque de Bragança, reforçada por súbditos de um régulo de Cambambe, à frente dos quais vinha o seu primogénito, apoiada por peças de artilharia ligeira de diversos calibres. O capitão-mor Félix Velasco Galiano era o regente do presídio do Pungo Andongo, e uma semana antes fora chamado a Loanda pelo governador-geral, Fernão António de Noronha, para ser encarregado de uma delicada missão.

¹ Caravana de escravos.

² Feira de escravos.

³ Os habitantes, normalmente mercadores, nativos do país ou há muito ali residentes, onde já haviam criado raízes.

Filho de uma antiga e tradicional família luso-africana, há muito radicada em Loanda, Velasco Galiano atingira já um posto elevado no exército graças à sua bravura e espírito aventureiro, evidenciados em diversas operações de pacificação dos povos do interior, que se rebelavam constantemente contra a Coroa de Portugal, e a sua ainda curta carreira militar tinha-o guindado à importante posição de regente do presídio de Mpungo-a-Ndongo. Fisicamente era um homem bem-parecido, alto, corpo musculoso, feições correctas, pele crestada pelo sol do sertão que não disfarçava, porém, as raízes crioulas da sua origem. O uniforme do exército português caía de modo elegante sobre a sua figura angulosa.

Perfilou-se, hirto, diante da vasta escrivaninha de pau-preto que ocupava na totalidade uma parede do gabinete parcamente mobilado do governador-geral, decorado apenas com alguns cadeirões de couro e nas paredes retratos a óleo da rainha D. Maria I e do príncipe D. João VI. Com um gesto afável, António de Noronha mandou-o sentar, dando início à conversa.

— Capitão, esta será uma expedição de socorro à feira de Kassanje, e tem como objectivo apaziguar o jaga¹ Malange a Ngonga, também conhecido por D. Pascoal Rodrigues², que, mais uma vez, nos está a criar problemas. Mas é uma missão

¹ Ou imbangala; nome aplicado pelos Portugueses ao povo do reino de Kassanje. Segundo David Birmingham, jaga e imbangala são dois povos diferentes (ver nota explicativa no fim do livro).

² Os nomes em português de todos os chefes jagas foram até certa altura, segundo as fontes, D. Pascoal, ou Rascoal.

delicada e por isso tem de ser dissimulada sob o disfarce de uma embaixada diplomática.

Quedou-se em silêncio durante alguns instantes, observando o oficial. Depois, estendeu o braço e pegou na pequena campainha de prata sobre a secretária. Ao seu toque surgiu um camareiro fardado a quem Noronha dirigiu um sinal, apontando para uma pequena mesa com várias garrafas de aguardentes. Era um gesto raro no protocolo do governador, que deu a Galiano a percepção da importância que Noronha atribuía àquela audiência. As bebidas foram servidas e o criado desapareceu de modo tão silencioso como chegara. Era justamente naquele ambiente quase informal que Noronha se dispunha a conversar com o jovem oficial sobre o verdadeiro significado da empresa que lhe entregava e o que estava em causa na sua execução bem-sucedida ou o que ficaria em causa em caso de insucesso. O governador prosseguiu o seu discurso.

— É imperioso que obtenha desse jaga Malange a Ngonga a garantia da manutenção da feira, bem como a promessa de pôr termo às constantes violências por ele perpetradas contra os comerciantes portugueses lá estabelecidos. Ele terá de enviar uma embaixada a Loanda, que venha preparada para assinar novos acordos que o obriguem a mudar os seus comportamentos para com as populações, dos quais resulta uma instabilidade inaceitável para os interesses da Coroa e um desafio à nossa autoridade. Estou farto dos seus desmandos e tropelias. Você vai mandatado para nomear o novo director da feira, o Domingos Pereira Bravo, na condição de ele lhe garantir firmeza e determinação em se impor vigorosamente ao jaga. Ou isto fica resolvido assim, ou terei de ordenar o encerramento da feira. Fazemo-la no Bondo e acabamos com isto! Já foi aberta outra em Mucari, que vai ser dirigida pelo

coronel Honorato da Costa, que abandonou o posto de director em Kassanje.

Fernão de Noronha tinha a certeza de que o estado de Kassanje era de fundamental importância económica para a colónia, pela existência daquela feira, a que se somava o valor estratégico como aliado poderoso do seu governo. Eliminar deste cenário os problemas provocados pelos desmandos constantes dos chefes jagas, sem pôr em causa o equilíbrio das relações existentes, parecia-lhe constituir um risco aceitável. Era com esse pensamento que instruía Galiano para a sua realização urgente.

O estado de Kassanje tinha sido formado no início do século XVII, por povos emigrantes da Lunda, tendo sempre mantido contacto estreito com os chefes daquele reino, os *mwata yamvo*¹. No final do mesmo século, era o mais forte estado africano perto da costa e o mais antigo aliado dos Portugueses. No início do século XIX, a feira de Kassanje era também e por isso de vital importância para a Coroa de Portugal, pois dali procediam todos os escravos que abasteciam o tráfico transatlântico.

A aldeia de Kassanje, onde se situava a celebrada feira, era a residência do comandante ou director da mesma, português, assistido por alguns soldados não remunerados. As casas eram construídas irregularmente e não formavam arruamentos. No entanto, existiam cerca de quarenta casas respeitáveis, com grandes jardins anexos cultivados com os vegetais e as frutas comuns num clima tropical e dispostos de acordo com a tradição portuguesa. Os mercadores e comerciantes ali residentes

¹ Muatiânvua, imperador da Lunda; rei, o senhor de todas as terras.

eram prósperos e viviam em grande estilo, com uma mesa farta e abastecidos de mercearias disponíveis em Loanda que visitavam uma vez em cada ano para delas se reabastecerem. Havia poucas mulheres brancas e, em consequência disso, os portugueses formavam alianças com mulheres de cor e mestiças, manifestando-lhes, e aos seus descendentes, as crianças resultantes destas ligações, grande afeição.

As quebras de relações entre o reino de Kassanje e a Coroa portuguesa eram constantes, arrastando-se mesmo dos séculos anteriores, provocando graves prejuízos, não só aos feirantes, como aos comerciantes que, na capital, Loanda, detinham o negócio do tráfico de escravos. Tudo acontecia porque os jagas reinantes, embora vassallos da Coroa de Portugal, pretendiam manter o monopólio do rendoso tráfico, que fazia convergir para os seus domínios todos os escravos provenientes dos reinos circundantes. Ali, funcionava uma verdadeira «fábrica» de escravos e os soberanos jagas e os seus macotas¹ e tendalas², os principais notáveis, tinham o total domínio das trocas, recebiam dos comerciantes ou dos seus lançados as mercadorias europeias transportadas da capital, que redistribuíam pelos sobas sob a sua submissão, entregando em troca aos mercadores os escravos na sua posse. O jaga chegava a deter na sua banza³, continuamente, mais de mil escravos.

Terminada a reunião, foi já pela hora das vésperas, que os sinos anunciavam na Igreja de Jesus contígua ao palácio, que Galiano saiu da audiência que viria a determinar o seu destino

¹ Conselheiro, ancião, mais velho.

² Primeiro conselheiro do estado.

³ Aldeia principal.

de militar e o seu futuro. Havia nele o ar de uma estranha inquietação quando se dirigia ao portão do palácio, onde um moço de estrebaria o aguardava com o cavalo que ali o levara algumas horas antes. Iniciou a sua missão dois dias depois daquela conversa com o governador.

Quando o pelotão que comandava se aproximou das ilhas do Kwanza, um conjunto de ilhotas situado a sul das rochas de Mpungo-a-Ndongo que já havia servido de esconderijo a Nzinga Mbandi dois séculos antes, e onde continuavam a acoitar-se escravos em fuga, Galiano ordenou um assalto para a captura de homens que utilizaria no carregamento de mercadorias durante a expedição mas, sobretudo, para afirmar a autoridade de que estava investido naquela missão e com isso enviar ao jaga um primeiro sinal da sua determinação em dar-lhe cumprimento exemplar. E, de facto, a notícia desse feito precedê-lo-ia.

Chegou a expedição a Kassanje ao cair de uma noite diluviana e o capitão fez-se imediatamente anunciar ao jaga como enviado pelo Muene Puto¹ junto de D. Pascoal Rodrigues, tendo-lhe apresentado as suas credenciais ainda antes dos primeiros alvares do dia seguinte.

Mediante um intérprete, disse-lhe que estava mandatado pelo governador-geral Fernão de Noronha, que representava naquela missão, para estabelecer novos acordos entre o Kassanje e a Coroa portuguesa. Informou-o ainda de que no seu regresso a Loanda desejava ser acompanhado por alguns emissários imbangalas que iriam assinar os termos desses novos acordos.

D. Pascoal Rodrigues dispensou à embaixada o seu melhor acolhimento, e percebendo a seriedade das circunstâncias e

¹ O reino de Portugal; também o seu representante, o governador-geral.

a importância do visitante, concordou com todos os termos enunciados por Galiano ao longo das conversações realizadas nos dias seguintes ao da sua chegada. Para celebrar a assinatura dos futuros acordos, o jaga ofereceu ao oficial e aos seus acompanhantes um banquete ao ar livre na sua banza real. Estava acompanhado por um enorme séquito, onde figuravam os seus macotas, tendalas, quijicos¹ e as suas esposas oficiais, em número de cerca de sessenta, bem como os filhos delas.

Malange a Ngonga, um negro de pele muito escura, alto e anguloso, vestia-se à moda europeia, calças e casaco confeccionados em ricos tecidos, como símbolo do seu estatuto, e envergava um manto de veludo vermelho que lhe chegava aos pés. Cobrindo parcialmente a cabeça já grisalha, o por menor quase rocambolês de uma imponente cartola também ao estilo europeu. Os seus súditos trajavam segundo os costumes gentílicos, os homens com tangas de peles de animais abatidos em caçadas e as mulheres apresentavam-se com vistosas saias de pano de tons coloridos, as mais jovens com ligeiros saíotes de ráfia, sem qualquer outra peça de vestuário. O jaga sentava-se num cadeirão tribal instalado sobre um estrado, tendo a seu lado as insígnias do jagado — uma espada, uma bandeira nacional e um documento com a sua nomeação oficial. Todo o cerimonial e pompa que o rodeavam eram, quanto a solenidade, dignos de qualquer soberano europeu. No banquete servido via-se, entre outras vitualhas, um boi inteiro assado num gigantesco espeto e o maluvo, o vinho de palma tão apreciado pelos jagas, corria a rodos.

«Felizmente», pensou Galiano durante o banquete, «D. Pascoal hoje não fez gala em servir também um escravo no espeto... Não sei se teria estômago para assistir a tal repasto!»

¹ Escravo, sujeito cativo.

Normalmente a alimentação dos jagas resumia-se ao consumo de legumes e frutas, e apenas em ocasiões especiais, comiam carne de boi, porco, carneiro e caça e, por vezes, carne humana, como acontecia por altura das cerimónias do tâmbi¹ de um jaga falecido e também nas festividades do sambamento². Então, sacrificavam um homem, escravo ou não, o nicango³, que era depois consumido por todos.

Depois de algumas horas de libação desenfreada, Malange a Ngonga e os seus mais directos súbditos estavam completamente embriagados, e não tardou que adormecessem no meio dos despojos do banquete real. Foi nesta ocasião que surgiu a Galiano a ideia de tomar por cativos alguns dos súbditos mais importantes, quiçá algum dos seus filhos ou das suas incontáveis esposas, num golpe que poria nas mãos dos portugueses alguma coisa verdadeiramente importante para Malange a Ngonga, levando-o a perceber as consequências desagradáveis que resultariam de qualquer desconsideração sobre a importância do tratado que o oficial lhe trazia do governador. Por outro lado, na posse deste trunfo, seria possível mantê-lo com rédea curta, refreando-o quando voltasse a prevaricar e a cometer mais barbaridades. No meio dos súbditos capturados naquela noite figuravam vassalos do jaga, mas também um dos seus filhos e uma esposa, e ainda súbditos de outros chefes seus aliados.

Muito tempo depois, em Loanda, havia de pensar-se que Galiano organizara apenas uma nova razia para engrossar a coluna de escravos que transportaria no seu regresso mas, na verdade, ele acabou por capturar membros importantes da

¹ Cerimónia fúnebre por falecimento de alguém, óbito.

² Eleição do novo jaga.

³ Vítima para o sacrifício.

aristocracia africana, excedendo-se nos objectivos traçados e desvirtuando inapelavelmente as instruções recebidas do governador.

A operação de captura correu sem percalços. No final do banquete, todos os presentes em estado sóbrio se haviam retirado, recolhendo-se os familiares do jaga e figuras importantes do reino às suas dependências, onde foram capturados, e nem os gritos das mulheres apavoradas tiveram poder para acordar aqueles que dormiam no sítio onde se realizara o banquete, entre eles o próprio jaga e a sua guarda.

Seguiram-se dois incidentes com as forças portuguesas. No primeiro, atacaram as libatas¹ de dois régulos aliados do jaga, o soba mbondo Ndala Kissua e o soba Sabiango. Galiano escreveu mais tarde, no seu relatório, que esta havia sido uma exigência do próprio Malange a Ngonga, que lha pedira em segredo, para vingar a morte de dois comerciantes portugueses assassinados por ordem de Ndala Kissua e também para exercer represálias sobre estes sobas pelos numerosos assaltos, que perturbavam o normal funcionamento da feira. No outro incidente, o combate ocorreu em legítima defesa contra grupos hungus que atacaram a expedição.

Agora, a coluna de prisioneiros manietados avançava penosamente pelas picadas do sertão, adensando as preocupações do jovem oficial, que sabia que, a qualquer momento, teria de enfrentar a milícia enviada pelo jaga em seu encalço, na defesa da sua honra, já que calculava pertencerem à sua família alguns dos prisioneiros. E a circunstância de uma parte das forças que constituíam a expedição inicial ter ficado na

¹ Aldeias, conjunto de casas.

feira para defender os comerciantes portugueses ali residentes tornava ainda mais sombrio o resultado de um confronto naquelas condições de inferioridade numérica.

A caravana deteve a sua marcha junto às margens de uma lagoa. Os homens precisavam de descansar e mesmo os cativos já acusavam o desgaste da marcha forçada, por isso era necessário recuperar as forças para prosseguirem caminho. Velasco sabia que poderia manter a vantagem ganha até ali aos seus perseguidores, pois as viagens nocturnas, mesmo em perseguição do inimigo, por maior que fosse a vontade de o fazer, esbarravam sempre no terror que os negros sentiam da escuridão, devido à superstição tradicional de encontros quase certos com os zumbis¹, espíritos que vagueavam durante a noite, pelas florestas e descampados do sertão, exercendo os seus poderes sobrenaturais de encantamento e feitiços, em vinganças e castigos terríveis. Era o que lhes ensinava desde sempre a tradição oral.

Recolheu à tenda, entretanto montada no centro do acampamento improvisado, e ordenou a um soldado:

— Vai buscar aquela rapariga mais nova que está entre os prisioneiros do jaga e traz-ma cá!

Observou-a quando chegou. Era ainda uma adolescente, o corpo esbelto de gazela, os seios mal despontados, a pele de um ébano aveludado. Os olhos negros como tições, ligeiramente amendoados, fixavam o oficial, desafiantes. Tinha uma boca de lábios carnudos e o nariz pequeno e achatado. Como indumentária, envergava apenas o curto saiote de ráfia que vira nas raparigas mais jovens, fiadas de missangas cruzavam-lhe o tronco nu, e nos antebraços e nos tornozelos usava várias argolas de latão, que indicavam, por norma, a riqueza da sua

¹ Ou cazumbi; espírito, fantasma.

portadora ou a sua elevada posição social. O cabelo estava artisticamente entrançado com missangas coloridas e todo o conjunto era muitíssimo atraente. Tinha-a visto no banquete real, sentada muito próxima de Malange a Ngonga, presumindo que seria uma das suas concubinas.

A rapariga não esboçou qualquer movimento de resistência porque sabia instintivamente que seria em vão. E que se o fizesse seria castigada. Se tentasse a fuga, seria com grande probabilidade morta. Olhou o homem branco na sua frente sem mostrar acanhamento. Na sua atitude era manifesta a promessa de uma entrega sem resistência. Adivinhava no seu captor, ao observá-lo com demora na penumbra da tenda mal iluminada, a promessa de algumas horas de um prazer diferente do que sentia nas noites com o velho jaga, cansado e tantas vezes embriagado, brutal nas frequentes crises de impotência. Esperava que este jovem e bonito militar não fosse muito diferente daqueles de quem já ouvira falar, fogosos e possantes, apaixonados e resistentes. Submissa, e sem esperar que ele tomasse qualquer iniciativa, deitou-se no luando¹ estendido sobre o chão de terra batida e aguardou pela investida. Surpreendeu-se com a delicadeza dele, com as palavras e frases entrecortadas que não conseguia entender mas de significado óbvio e manteve-se silenciosa durante todo o tempo, interagindo sem dúvida com ele. Quando, por fim, o homem terminou, atirando-se de seguida, pesadamente, para o outro lado da esteira, onde adormeceu quase de imediato, a jovem arrastou-se para um canto da tenda e ali permaneceu encolhida sobre si mesma, até que as primeiras luzes da aurora começaram a penetrar pelos orifícios da lona. Podia, nesse instante, ter fugido e sub-repticiamente ter-se embrenhado no mato circundante, mas qualquer coisa a

¹ Esteira de ráfia.

impediu. Acabou por dormir naquela posição, despertando com os ruídos dos homens que no exterior preparavam o reinício da caminhada de mais um dia.

Aos primeiros alvares a caravana reiniciou a marcha acelerada. Urgia retomar a fuga, antes de serem alcançados pelos guerreiros imbangalas. Atravessaram a vau pequenos cursos de água, e em breve progrediam em floresta cerrada. A jovem negra havia sido novamente reunida aos restantes escravos, sem qualquer espécie de contemplação. Em aldeias encontradas no itinerário escolhido, reabasteciam-se de água e os aldeões, quando amistosos, forneciam-lhes carne proveniente das suas cabeças de gado, para se alimentarem durante as paragens que faziam, quase sempre ao cair da noite. Velasco decidiu que a alimentação dos escravos seria semelhante à de todos os outros homens da coluna fugitiva, em vez da já tradicional farinha de guerra¹.

Durante cerca de uma semana, a quibuca percorreu grande parte da região que mediava entre o Kassanje e o presídio de Ambaka. Era intenção de Félix Velasco Galiano dispersar uma parte dos escravos, entre os quais os súbditos do jaga, por comerciantes estabelecidos naquela região. Acabou por considerar arriscada a viagem até Loanda com um contingente demasiado numeroso, o que viria a causar mais atrasos e aumentaria o risco de ser alcançado pelas forças de D. Pascoal Rodrigues. Por outro lado, sabia que mais tarde ou mais cedo estaria, em Loanda, uma embaixada imbangala a reclamar a devolução dos súbditos de Kassanje.

Malange a Ngonga não brincava. Se os seus guerreiros não tinham conseguido alcançar a quibuca para resolver logo ali, pela força das armas, o problema levantado com a captura

¹ Fuba, farinha de bombó.

dos seus súbditos, ou adoptando mesmo medidas mais radicais, como uma guerra que não favoreceria nenhuma das partes, poderia sempre deitar mão da sua habilidade de negociar directamente com o governador-geral. Este não iria recusar as suas razões, sabendo da influência que os jagas detinham junto da Coroa portuguesa, devido à sua posição privilegiada como tradicionais aliados e detentores da mais importante «fábrica» de escravos de todo o território angolano.

Velasco Galiano decidiu entregar uma determinada parte dos seus prisioneiros a um sertanejo¹ e comerciante brasileiro da sua confiança, estabelecido naquela região, com quem já havia negociado anteriormente, e que os iria manter a bom recato numa das fazendas do interior, em Ambaka ou no Golungo Alto. Aqueles escravos nunca seriam enviados para a exportação em navios negreiros, por constituírem uma moeda de troca bem mais preciosa!

Encontrou-o no entreposto que explorava, um dos maiores da região, onde foi recebido com a hospitalidade habitual.

— A que devo eu a honra da sua visita? — perguntou ele ao oficial.

Galiano contou-lhe da sua missão a Kassanje, omitindo pormenores que não interessavam ao seu interlocutor, e acabou por responder à pergunta que ele lhe dirigira:

— Quero confiar-te esta carga valiosa que trago, e pedir-te que a mantinhas sob apertada vigilância, porque não quero que ninguém consiga fugir e vá procurar o jaga Malange a Ngonga para lhe indicar o paradeiro da sua gente. Estes homens e mulheres que agora te confio, é como se nunca tivessem existido! — rematou com ar solene.

¹ Comerciante do sertão.

— Pode ficar descansado, meu capitão. Irei enviá-los logo que anoiteça para um local absolutamente seguro, a minha fazenda de Bango Aquitamba, no Golungo Alto. Tenho lá alguns homens da maior confiança, negros do Planalto Central. Alguns já foram guerreiros do muatiânvua das Lundas, e agora estão ao meu serviço, para quando tenho necessidade de homens fiéis e aguerridos, em ocasiões especiais.

— Certo, é disso mesmo que preciso... gente fiel e aguerrida. Estes prisioneiros, como já expliquei, são muito especiais... São o garante de que o jaga não volta a provocar a autoridade do governador! — E acrescentou: — Tenho ainda um favor especial a pedir, que tem que ver com aquela escrava mais jovem. Ainda não decidi bem que fazer com ela, talvez a venha buscar mais tarde...

Aos olhos cúpidos do comerciante não tinha passado despercebida aquela escrava, pela sua juventude, beleza e exotismo... Era difícil, para qualquer homem, não reparar de imediato nela! Pretas havia muitas em todo o sertão, mas como aquela pujante menina-mulher não vira nenhuma em toda a sua carreira de sertanejo. Porém, o interesse demonstrado pelo capitão na rapariga punha-a num patamar inacessível. Nunca iria tocar numa escrava que fosse «propriedade» de Félix Velasco Galiano. Queria manter com o oficial português boas relações, pois era quem melhores presas providenciava nas razias que efectuava em todo o sertão. Iria, portanto, tratar a escrava como se de uma jóia se tratasse, e uma jóia inacessível!

— Meu capitão, irei providenciar para que a rapariga fique bem resguardada na minha fazenda, onde está gente da minha família e onde será muito bem tratada. Quando decidir vir buscá-la, só tem de me mandar avisar.

Uma vez resolvido o assunto, e bastante mais aliviado do perigo que eles representavam no caso de terem sido interceptados

por emissários do jaga, Félix Velasco Galiano pôde encetar a última parte da sua jornada, em direcção a Loanda, conduzindo com o seu destacamento a quibuca constituída pelos restantes cativos, agora reduzidos a meia centena. A marcha tornou-se mais rápida, à medida que trilhavam as grandes vias por onde circulavam todas as caravanas que cruzavam aquela região, o pólo de grande fluxo do comércio e das trocas no sertão.

Por vezes, ainda perpassava pela mente de Galiano a fugaz imagem da escrava negra, a concubina de Malange a Ngonga que ficara em Ambaka. Alguma coisa na jovem o impressionara, não sabia bem o quê... Teria sido apenas o tê-la possuído ou seria o efeito que os seus olhos haviam provocado nele quando a encarou pela primeira vez? Ela não tinha desviado dele o olhar desafiador, como faria qualquer outra mulher negra. Ou seria pela sensação que deixara nos seus dedos o toque aveludado da pele de ébano dela? Embora quisesse resistir e procurasse afastar a recordação que guardava daqueles momentos, ela insistia em retornar, uma vez e outra. Voltaria ele para a ir buscar?

«Não... a prudência diz-me que não deverei envolver-me mais! Darei ordens para que seja vendida o mais depressa possível! Acabará por se perder o seu rasto e evitar-se-ão futuras complicações com D. Pascoal Rodrigues!»

Fazendo por esquecer a rapariga, concentrou-se, enfim, na jornada até Loanda, ainda longe de estarem afastados os receios de um ataque. A viagem da quibuca durou ainda cerca de uma semana pelo sertão até à travessia em barcaças de um agitado Kwanza. Dois dos homens mais idosos, vassalos dos sobas raziados, acabaram por não resistir. Os corpos foram sumariamente enterrados à beira da trilha que seguiam nesse dia. Já no limite de toda a resistência física, chegaram às portas da cidade, vencidas, por fim, as imensas léguas de distância

desde Kassanje. Da Porta dos Negros, por onde entraram, os escravos foram conduzidos para a Fortaleza do Morro de São Miguel, convertida em depósito de degredados, que dispunha de melhores condições de segurança. Galiano deu as suas últimas ordens e dirigiu-se de imediato ao Palácio do Governador para apresentar a Fernão de Noronha o seu relatório preliminar da missão de que fora por ele encarregado. Teria de justificar a ausência dos emissários de Pascoal Rodrigues, e sentia que essa circunstância iria desagradar ao governador. Sentia-se, por isso, apreensivo.

Chegou ao palácio quando eram acesas as lamparinas a óleo. Para o lado do mar, o céu apresentava as cores vivas do pôr-do-sol, e em breve cairia a noite. Foi recebido pelo próprio Fernão de Noronha, avisado da sua chegada. Entraram no gabinete e foi Galiano, ainda antes de ser convidado a tomar assento, que tomou a iniciativa de referir imediatamente a ausência dos emissários do jaga. Em poucas palavras concluiu o relatório da expedição, mas omitindo alguns pormenores, e concluiu:

— Espero que Vossa Excelência compreenda as razões que me levaram a tomar a decisão de não me fazer acompanhar pelos emissários.

Viu no rosto fechado do governador clara reprovação e desagrado pelo que acabara de ouvir. Fernão de Noronha não fez qualquer observação que pudesse tranquilizar Galiano. Subitamente, a atmosfera que rodeava os dois homens tornara-se pesada e desconfortável.

Fernão de Noronha ergueu-se da pesada escrivaninha onde entretanto se instalara, deixando Galiano de pé durante a apresentação do relatório. Sem nunca o encarar, dirigiu-se lentamente para uma das sacadas do gabinete, afastando o pesado cortinado de brocado e espreitando para o mar, que se via ao

longe, para lá da fortaleza. Por fim, voltou-se sobre si próprio e encarou com frieza o oficial, dizendo-lhe, em voz átona:

— Infelizmente, senhor capitão, as notícias precederam-no e não são nada agradáveis. Encontram-se já em Loanda, chegados há vários dias, dois emissários de D. Pascoal Rodrigues. Fui forçado a recebê-los e as primeiras palavras que lhes ouvi aqui foram sobre o relato da operação na banza real e da sua infeliz decisão! Puseram-me ao corrente do estado de espírito do jaga, transformado numa fera em consequência do rapto dos seus súbditos, principalmente porque um dos seus filhos figura entre os reféns capturados, bem como uma de suas mulheres, e logo a favorita, que acontece ser também filha do soba Sabiango, um aliado seu! Não eram essas as suas ordens, senhor! Foi-me apresentada a exigência de uma devolução imediata dos súbditos, sob pena de pesadas represálias sobre os comerciantes da feira. Aliás, o soba mbondo Ndala Kissua já aprisionou alguns deles, como retaliação pela captura dos seus súbditos.

Ouvindo isto, Félix Galiano empalideceu. «Então a bela jovem negra não era apenas mais uma das concubinas do jaga... mas a favorita! E filha de um dos seus pretensos aliados, o soba Sabiango, precisamente aquele cuja libata atacámos por ordem de Malange a Ngonga. Em que sarilho me meti!»

— Mas, Excelência, eu já tomei o cuidado de dispersar alguns desses cativos pela região entre Ambaka e o Golungo Alto! Estão em segurança e não existem mais provas de que eu os tenha capturado, pode ficar descansado! — Enxugou com um lenço a transpiração que lhe escorria pelo rosto. — E quanto à filha do soba Sabiango, não pensei que fosse tão importante e, a esta hora, já vai a bordo de um navio negreiro, pois vendi-a a um negociante brasileiro que ia enviar um carregamento de escravos para Pernambuco, por Benguela. E pagou bom dinheiro por ela!

— Mas que grande maçada! — O governador estava verdadeiramente contrariado. — Dada a natureza da operação por si efectuada, todo o produto deste saque pode ser considerado ilegítimo. Não sei se conseguirei convencer os emissários de D. Pascoal a aceitarem apenas uma compensação monetária. Pelo menos, existem alguns cativos que possamos restituir?

— Sim, Excelência, estão no depósito dos degredados, na Fortaleza de São Miguel!

— Então mande buscá-los imediatamente, para eu os entregar aos emissários que estão hospedados aqui no palácio... e reze para que o jaga se fique por esta compensação! Não sei onde estava você com a cabeça, homem! Isto agora pode mesmo custar-nos a feira de Kassanje...

Galiano apressou-se a cumprir as ordens do governador e incumbiu um oficial sob as suas ordens de se deslocar à Fortaleza de São Miguel buscar os cativos restantes. Estava, por um lado, aliviado com o desfecho daquele assunto. Ainda bem que se havia precavido e entregara a maior parte dos súbditos do jaga ao comerciante de Ambaka. Com tempo iria convencer o governador de que aquela fora uma boa estratégia para assegurar o domínio sobre Malange a Ngonga, e os cativos continuariam à sua disposição.

O incidente acabou mesmo por ficar sanado apenas com a compensação monetária paga a D. Pascoal Rodrigues e a restituição dos súbditos remanescentes da razia de Velasco Galiano. Por ordem do governador, apenas continuaram retidos em Loanda três cativos, dois deles por pertencerem ao reino de Matamba, que se dedicava a canalizar escravos directamente para os negreiros sediados nos rios e enseadas a norte de Loanda e, por isso, seriam considerados como um resgate lícito. O terceiro por ser um molua do reino da Lunda

e, apesar de se estar em vias de estabelecer relações com o muatiânvua desse reino, estas ainda não haviam sido consolidadas, e por esse motivo o governador achava não ter a obrigação de o devolver.

A medida de intimidação do jaga acabou numa simples manobra de reparação, pois a Portugal interessava manter uma política de conciliação no interior do território para que os seus interesses na mais importante feira de escravos continuassem de pé.

Quanto à jovem negra, a mulher de D. Pascoal Rodrigues, Velasco Galiano já decidira que o melhor seria mesmo desfazer-se dela para evitar mais trabalhos desnecessários... e o jaga também não ficaria assim tão mais pobre, com as centenas de outras esposas de que dispunha na sua banza.